

O ENSINO DE GRAMÁTICA PARA ALUNOS DISLÉXICOS¹

Evany Bandeira da Silva²

1. Considerações iniciais

Esse estudo surge a partir das vivências pessoais, familiares e profissionais, na prática de sala de aula, com adolescentes que vivem com a dislexia. Trata-se de uma questão pessoal e familiar, primeiramente, pela experiência de conviver com um irmão que teve o diagnóstico de dislexia somente nos anos iniciais do Ensino Fundamental e, por isso, enfrentou muitas dificuldades com o ensino de gramática na sala de aula. Ademais, na prática na sala de aula de língua portuguesa, é possível perceber que em uma turma sempre tem um aluno que possui uma grande dificuldade na leitura e escrita, e acaba não tendo um bom desempenho escolar.

Nesse sentido, é de suma importância que o professor saiba identificar qual é a dificuldade principal do aluno para que sejam propostas atividades de acordo com a sua realidade. Mas, infelizmente, durante a graduação, não somos instruídos a lidar com situações específicas do ensino da língua portuguesa, principalmente quando se trata de dificuldade e transtorno de aprendizagem. Tendo em vista que o aluno é o sujeito da aprendizagem (KATO, 1986), é necessário que, na prática do ensino de gramática, tudo aquilo faça sentido para esse sujeito.

Palavras escritas com letras trocadas, leitura “engasgada” e questões em branco na avaliação são vistas por muitos professores como características de um aluno que não se dedica e que tem uma dificuldade de aprendizagem, mas, na verdade, podem ser sintomas de um transtorno de aprendizagem que é muito comum na sociedade: a dislexia.

Sendo assim, o objetivo principal desse trabalho é apresentar a dislexia como um transtorno de aprendizagem muito comum, assim como os seus sintomas principais que afetam o desempenho escolar, principalmente na leitura e escrita, a fim de que o professor possa identificar o aluno disléxico na sala de aula (sempre com um acompanhamento psicopedagógico). Temos como objetivos específicos (1) entender como é o perfil de um aluno disléxico na sala de aula; e (2) discutir sobre a importância do ensino da gramática a fim de facilitar o aprendizado para alunos que sofrem com a dislexia.

Este trabalho trata-se de um estudo bibliográfico. Dessa forma, foram reunidos livros, teses, dissertações e pesquisas recentes sobre a dislexia e o ensino de gramática. Através da leitura e análise dos textos, identificamos as principais dificuldades que o disléxico enfrenta no âmbito da leitura e escrita, e, entendendo a importância da gramática para o desenvolvimento dessas duas áreas, discutiremos métodos e formas para facilitar esse ensino.

¹ Trabalho apresentado ao final da disciplina Trabalho de Conclusão de Curso, ministrada pelo Prof. Dr. Inaldo Firmino Soares, como requisito parcial para a obtenção do grau de Licenciada em Letras Português-Espanhol pela Universidade Federal Rural de Pernambuco (UFRPE), sob orientação do Prof. Dr. Ewerton Ávila dos Anjos Luna. Dezembro/2021.

² Graduanda em Licenciatura em Letras Português-Espanhol pela UFRPE.

Acreditamos que esse trabalho pode trazer contribuições para estudos do campo do ensino da língua portuguesa, assim como estudos da prática do ensino de língua portuguesa, especificamente o ensino em turmas dos anos finais do Ensino Fundamental e do Ensino Médio, pois, a partir das discussões e reflexões, é possível perceber como podemos ensinar a gramática de uma maneira objetiva e simplificada para alunos que sofrem com dislexia.

Este estudo está dividido nos seguintes tópicos: no primeiro momento, tratamos sobre a dislexia e o desempenho escolar de alunos que sofrem com esse transtorno, assim como a identificação desse aluno na sala de aula; no segundo momento, abordamos a importância do ensino da gramática para a construção social do sujeito da aprendizagem e como o ensino da norma padrão pode ser facilitado para o cérebro disléxico. Por fim, temos as considerações finais sobre o trabalho e, em seguida, as referências bibliográficas.

2. A dislexia e o desempenho escolar

A Associação Brasileira de Dislexia (2016), afirma que

a Dislexia do desenvolvimento é considerada um transtorno específico de aprendizagem de origem neurobiológica, caracterizada por dificuldade no reconhecimento preciso e/ou fluente da palavra, na habilidade de decodificação e em soletração (Associação Brasileira de Dislexia, 2016).

No Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais (DSM-5, 2014), vemos a dislexia como um transtorno de aprendizagem dentro da área de Neurodesenvolvimento que afeta diretamente a leitura e escrita.

Essas dificuldades começam a aparecer ainda na infância, e é por isso que o acompanhamento familiar é muito importante no início da vida escolar. Conforme Associação Brasileira de Dislexia (2016), percebemos que alguns dos primeiros sintomas são, por exemplo, o atraso do desenvolvimento da fala e da linguagem nos primeiros anos de vida; dificuldade de aprender rimas, canções e na aquisição da leitura e da escrita; desatenção e dispersão durante as aulas e no dia a dia; entre outros. Percebendo que existem essas dificuldades, o aluno deve ser encaminhado para um profissional especializado na área da neurologia ou psicopedagogia e iniciar o acompanhamento.

Há uma dificuldade por parte dos familiares em entender o diagnóstico, pois relacionam a dislexia à inteligência e acabam desestimulando a criança ou adolescente no processo de ensino-aprendizagem. Por isso, é importante enfatizar que a dislexia tem relação apenas com a dificuldade de decodificação dos códigos de linguagem. Essa dificuldade abrange muitas áreas de aprendizagem relacionada à língua. Assim, compreenderemos, agora, os tipos de dislexia.

Maradei, Maia e Seabra, no livro *Distúrbios e transtornos de aprendizagem* (2020), fazem referência à Jardini (2003) quando, em seu livro *Método das Boquinhas*, afirma que a dislexia pode ter três tipos: visual, auditiva e mista. Ainda

no livro Método das Boquinhinhas (2003), vemos que Jardini cita Shaywitz (2006) para mostrar que “a dislexia do tipo visual tem como principal característica dificuldades na percepção e discriminação devido a um possível déficit nas magnocélulas da visão” (SHAYWITZ, 2006 *apud* MARADEI, MAIA, SEABRA, 2020, p.11). Assim, é ideal que o disléxico visual busque diferentes alternativas para o seu aprendizado, como recursos auditivos, evitar o excesso de informações e entre outros. A dislexia auditiva é a dificuldade do reconhecimento entre o som e o símbolo. Os disléxicos auditivos costumam trocar letras semelhantes na escrita, como p, b, q e d. Por fim, a dislexia mista é simplesmente a dificuldade na visualização e no reconhecimento entre o som e símbolo. Então, esse aluno precisa de um acompanhamento mais detalhado, pois em um momento precisará de recursos visuais e, em outros, auditivos.

Alunos que sofrem com dislexia costumam não ter um bom desempenho escolar, principalmente nas matérias nas áreas de linguagens e humanas, que são áreas que utilizam muitos textos e necessitam que o aluno realize boa leitura e interpretação textual. Como a dislexia afeta justamente a área de decodificação dos códigos linguísticos, quando o aluno é colocado em situações em que precisa ler muito e entender o que está sendo lido, termina não tendo desempenho satisfatório. Por isso, é importante o reconhecimento, por parte do profissional da educação, do diagnóstico do aluno para que seja organizada ações didáticas e selecionados métodos de acordo com as dificuldades enfrentadas a fim de facilitar o aprendizado na sala de aula.

2.1 A identificação do aluno disléxico

Sabemos que alunos que possuem transtornos de aprendizagem precisam de um tratamento e uma didática adequada. Por isso, é importante que os professores fiquem atentos aos alunos vistos como “preguiçosos”, porque nem sempre é a preguiça. Às vezes percebemos que existem falhas ortográficas na escrita de um determinado aluno, que o aluno possui grande dificuldade na leitura e no entendimento do texto, mas, como educadores, não sabemos como agir e o que precisamos fazer para facilitar o aprendizado desse aluno.

As dificuldades geradas pela dislexia aparecem em várias etapas da vida. No tópico anterior, contemplamos alguns sinais que as crianças disléxicas apresentam durante o desenvolvimento escolar e nas relações interpessoais. Porém, os sintomas da dislexia aparecem em diferentes estágios da vida e de diferentes maneiras. Em alunos do Ensino Fundamental, Magno Alexon (2020) cita fatores de comportamento como a falta de atenção às aulas, a falta de interesse em participar, grande irritabilidade para compreensão ou execução de tarefas e dificuldade motora. Além desses comportamentos, vemos que alunos disléxicos possuem uma grande resistência de ler em voz alta, têm uma tendência a inventar palavras e uma grande dificuldade na organização da escrita.

É justamente no Ensino Fundamental que o aluno disléxico, sem um diagnóstico, sofre, pois ele mesmo não entende o que acontece, não sabe o porquê de tanta dificuldade, e os professores acabam entendendo que o aluno é desinteressado. Como educadores, precisamos estar atentos aos sinais

comportamentais para perceber se o aluno realmente não está interessado ou se ele possui uma dificuldade que afeta sua compreensão e atenção durante as aulas. De acordo com o Instituto ABCD, no livro *Todos Entendem* (2015), alunos disléxicos possuem uma grande possibilidade de não finalizar o Ensino Médio, não ingressar em um curso superior e são os que mais estão dentro das taxas de desemprego. Portanto, a identificação e acompanhamento nessa fase da vida é fundamental.

No Ensino Médio, o aluno já é um adolescente e os sinais são um pouco diferentes, mas ainda centrados na leitura, escrita e compreensão. Dessa forma, percebemos que, em suas produções e discussões em classe, seu vocabulário é empobrecido pela falta de leitura, gerando, assim, uma dificuldade de conceitos abstratos. Além disso, suas redações costumam ter ideias desorganizadas e uma estrutura diferente do que o tipo textual proposto necessita.

A Revista *Psicopedagogia* publicou, em 2010, um artigo sobre os problemas emocionais de um adulto disléxico. Nesse artigo, encontramos um relato das dificuldades enfrentadas por um adulto, do sexo masculino, de 42 anos de idade, que descobriu a dislexia com 40 anos e percebemos que alguns dos problemas que ele enfrenta na vida adulta é o medo de descobrirem seu problema de leitura, fazendo com que ele não queira ler em público; e a baixa autoestima, gerada pelos problemas da infância e adolescência. Anteriormente, falamos sobre a dificuldade do disléxico de concluir o Ensino Médio e ingressar em um Curso Superior e, nesse artigo, vemos que o sujeito em estudo não fugiu das estatísticas, pois não concluiu o Ensino Médio no tempo esperado, abandonou a escola por anos e só concluiu porque precisava tirar a Carteira de Habilitação. Apesar de todos os problemas, o sujeito em estudo sente-se super orgulhoso por ser mecânico e por ter se encontrado na profissão.

Dessa forma, percebemos que a dislexia está presente em todas as fases da vida, mas, em cada uma delas, apresenta-se de maneira diferente. É preciso estarmos atentos aos sinais para que sejamos sujeitos de transformação na vida do aluno disléxico. Mesmo com toda dificuldade de leitura e interpretação, sabemos que aprender os aspectos organizacionais da estrutura da língua é fundamental para uma boa escrita e uma boa adaptação em contextos sociais diferentes. Por isso, é importante discutirmos sobre quais estratégias podemos utilizar para facilitar o ensino da gramática da língua portuguesa para alunos disléxicos.

3. A importância do ensino da gramática

O ensino de gramática nas escolas já foi pauta de várias reuniões e discussões dentro da educação brasileira. A grande questão, porém, não está centrada no porquê ensinar gramática, mas sim de que maneira ensinar. Travaglia (2007) afirma que a gramática é “o conjunto de conhecimentos linguísticos que um usuário da língua tem internalizados para uso efetivo em situações concretas de interação comunicativa” (TRAVAGLIA, 2007, p.17). Dessa forma, podemos entender que o principal objetivo do ensino das regras gramaticais é que o aluno entenda a estrutura da língua para uma melhor interação comunicativa. Porém, o que vemos nos programas de ensino de língua nas escolas não é bem isso.

Dentro das escolas, nas aulas de língua portuguesa, o ensino de gramática é visto como algo à parte do texto e do contexto comunicativo escolar e social, por isso escutamos de diversos alunos “por que tenho que estudar isso?”. A didática e metodologia das aulas influencia muito em como o aluno entende o assunto e a importância do mesmo para sua vida. A questão é que, ao longo dos anos, a gramática tradicional se tornou

Uma doutrina, composta de dogmas a serem aceitos como verdades incontestáveis e não de leis empiricamente testáveis, sujeitas a comprovação ou a refutação. Seu corpo de definições, preceitos e prescrições apenas aparentemente serve para um estudo da língua. A função dele é, de fato, substancialmente, ideológica: a gramática tradicional é um instrumento, um dos muitos, de legitimação das classes dominantes no poder (BAGNO, 2000, p. 22).

Antes de discutirmos como o ensino da gramática tradicional tem influência na relação das classes sociais, é importante entendermos que nos referimos à gramática tradicional de acordo com a visão de Neves (2011), quando afirma que a gramática tradicional

Tem origem na tradição dos filósofos gregos alexandrinos de descrever a linguagem utilizada pelos escritores, considerados exemplares, tais como Homero, acreditando que se fosse seguida a sua linguagem ficaria preservada a língua (NEVES, 2011, p.32).

Dessa forma, compreendemos a gramática tradicional como um instrumento de descrição das regras padronizadas para o funcionamento ideal da língua.

Assim, tendo em vista que a gramática tradicional se tornou um instrumento pertencente às classes dominantes, entendemos que saber usar a gramática tradicional é fundamental para atingir posições e cargos maiores na sociedade. É importante enfatizarmos que o pertencimento da gramática tradicional às classes dominantes tem ligação direta com o preconceito linguístico, pois as variações linguísticas também colaboram para essa estrutura de poder.

Como “a língua é viva, dinâmica, está em constante movimento” (BAGNO, 1999, p. 144), é natural que as mudanças linguísticas contenham marcas sociais e culturais de um povo. Sendo assim, conseguimos verificar claramente as diferenças linguísticas na comunicação entre pessoas que tiveram acesso à educação e as que não tiveram. Podemos citar um contexto de comunicação em uma casa onde o patrão é um médico e o empregado doméstico não concluiu os estudos. Nesse contexto, veremos que a linguagem formal, utilizando a norma culta da língua, tende a ser de uso do patrão, enquanto o empregado doméstico tende a utilizar a linguagem não-padrão. Essa diferença na utilização da linguagem ocorre pela privação educacional, cultural e econômica que as classes sociais mais baixas sofrem.

Durante as aulas de gramática, é interessante que o aluno sempre reflita sobre os usos linguísticos e a relação com sua comunicação no dia a dia. Ter acesso à gramática tradicional, estudá-la e entendê-la está ligado a saber como se comunicar em diferentes contextos comunicativos. Ensinar a gramática contextualizada em sala

de aula é fundamental, em nosso contexto social. Sendo assim, como afirma Bagno (1999):

Uma das principais tarefas do professor de língua é conscientizar seu aluno de que a língua é como um grande guarda-roupa onde é possível encontrar todo tipo de vestimenta. Ninguém vai só de maiô fazer compras num shopping-center, nem vai entrar na praia, num dia de sol quente, usando terno de lã, chapéu de feltro e luvas... (BAGNO, 1999, p. 129).

Além dessas questões, não podemos deixar de chamar atenção para o uso de textos em aulas de gramática apenas como pretexto para o ensino das regras e normas. Como dizíamos, a gramática não é exclusivamente um objeto de estudo a parte do uso comunicativo e textual, ela faz parte da estrutura da língua, mas não funciona sozinha. Dessa forma, entendemos que o “texto é o resultado da confluência do conjunto de recursos, mecanismos e princípios gramaticais utilizados para produzir efeitos de sentido. Texto é a gramática em funcionamento” (SILVA, 2011, p. 43). Por tanto, é impossível desconectar o texto e a gramática.

3.1 A gramática e a dislexia

A principal dificuldade de uma pessoa disléxica é a leitura e escrita, porém, na sala de aula, durante as aulas de Língua Portuguesa, percebemos que são os disléxicos que possuem uma maior dificuldade em entender as regras gramaticais e, principalmente, de identificar os conceitos da teoria na prática. Por exemplo, quando estudamos as orações coordenadas, retomamos aos conceitos de classes de palavras na morfologia, todo esse processo envolve muitas regras e teorias, sendo um pouco complicado até para um aluno que não possui a dislexia. A grande questão, exemplificativamente, é justamente quando o aluno disléxico precisa identificar uma oração coordenada em um texto, que é o que mais aparece em questões presentes nos livros didáticos.

Sendo assim, é importante que seja utilizada uma didática diferente com esse aluno e que o professor tenha uma atenção maior com ele. Nesse sentido, Maradei, Maia e Seabra (2020) trouxeram algumas sugestões de atividades pedagógicas para serem aplicadas a alunos disléxicos. Muitas dessas atividades foram aplicadas em alunos do Ensino Infantil e dos anos iniciais do Ensino Fundamental, mas a partir dessas atividades, e percebendo a dificuldade de compreensão que os alunos disléxicos possuem, podemos pensar em atividades que melhor funcionem em alunos dos anos finais do Ensino Fundamental.

Quando se trata de questões de identificação de classes de palavras e orações, primeiramente, o assunto no texto ou frase em questão precisa fazer sentido para o aluno, ou seja, pertencer ao seu universo comunicativo. Além do assunto do texto fazer sentido para o aluno, é importante que as frases e orações em estudo estejam devidamente separadas nas questões, para evitar confusões acerca do que deve ser analisado.

Um jogo citado por Maradei, Maia e Seabra (2020), que podemos trazer para uma realidade dos anos finais do Ensino Fundamental, é o jogo da forca, pois é possível trabalhar diversos assuntos no âmbito gramatical e da literatura, como análise morfológica e sintática, tipos textuais; livros lidos em turmas e os estilos literários. No jogo da forca são colocadas as quantidades de letras pertencentes a uma palavra e, adivinhando as letras é possível descobrir qual é a palavra. À medida que forem chutadas letras que não possuem na palavra em questão, vão sendo adicionadas partes do corpo de um boneco na forca e, se esse boneco ficar completo, o jogador perde.

Utilizando o jogo da forca para estudar os tipos de substantivos, é possível dar dicas para os alunos sobre as características desse substantivo para que eles adivinhem as letras que compõem tal palavra. Por exemplo, se a palavra no jogo for “crianças”, podemos dar dicas como: “simples”; “plural”; “feminino”; “comum”. Dessa forma, os alunos lembrarão quais são as características dos tipos de substantivos estudados para adivinhar qual é a palavra e conseguirão aplicar toda a teoria na prática, facilitando a assimilação dos conteúdos gramaticais para o aluno disléxico. Assim como essa atividade, é possível facilitar o ensino da gramática para o aluno disléxico de diversas maneiras dentro da sala de aula.

O exemplo dado aqui foi um jogo, mas podemos, também, utilizar vídeos ilustrativos e educativos para ensinar as regras de uma oração coordenada, por exemplo, com dicas de como identificar essas orações mais facilmente; utilizar imagens como meio de exemplificar como essas orações podem aparecer em tirinhas e outros gêneros de linguagem mista, entre outros. O mais importante é que o educador tenha em mente que opções que fogem da prática com o uso de muitos textos são as melhores, pois o cérebro disléxico consegue assimilar as informações mais facilmente quando não envolve muitos textos.

4. Considerações finais

Este estudo teve como temática tecer considerações acerca do ensino da gramática para alunos disléxicos. Elencamos como objetivos principais apresentar a dislexia como um transtorno de aprendizagem muito comum que afeta o desempenho escolar e, assim, entender como é o perfil de um aluno disléxico a fim de facilitar o ensino de gramática na sala de aula. Para isso, realizamos um levantamento bibliográfico das leituras relevantes sobre o ensino de gramática e a dislexia, tais como Bagno (1999), Neves (2011), Antunes (2003), Maradei; Maia; Seabra (2020); Instituto ABCD (2015), Bonini (2010), entre outros, para entender o problema e analisar como o ensino de gramática pode ser facilitado.

Dessa forma, compreendemos que o ensino de gramática é de fundamental importância para a educação do cidadão, tendo em vista que saber a gramática tradicional é essencial para uma melhor comunicação em diferentes contextos, fazendo com que o aluno seja um cidadão pronto para atuar em diversas esferas sociais. Assim, mesmo enfrentando dificuldades envolvendo a leitura e escrita, o aluno que sofre com dislexia deve ter acesso e compreender as regras gramaticais da Língua Portuguesa. Para facilitar o ensino dessa gramática tradicional para o cérebro disléxico, podemos considerar atividades que facilitem a aprendizagem,

envolvendo jogos, vídeos, imagens e entre outros. Por fim, ressaltamos que esse trabalho possa contribuir para futuros trabalhos no campo do ensino de língua portuguesa e facilitar a prática pedagógica de professores de Língua Portuguesa em sala de aula com o ensino de gramática para alunos disléxicos.

5. Referências

AMERICAN PSYQUIATRIC ASSOCIATION. **Manual Diagnóstico e Estatístico dos Transtornos Mentais** (DSM-5). Washington: APA; 2014.

ANTUNES, Irlandé. **Aula de Português: encontro e interação**. São Paulo: Parábola Editorial, 2003.

Associação Brasileira de Dislexia. Disponível em: <<http://www.dislexia.org.br/o-que-edislexia/>> Acesso em outubro de 2021.

BAGNO, M. **Dramática da língua portuguesa: tradição gramatical, mídia & exclusão social**. São Paulo: Loyola, 2000.

BAGNO, M. **Preconceito Linguístico: o que é, como se faz**. São Paulo: Edições Loyola, 1999.

BONINI, Flávia *et al.* Problemas emocionais em um adulto com dislexia: um estudo de caso, **Rev. Psicopedagogia**, São Paulo, p. 310-322; 2010.

INSTITUTO ABCD. **Todos Entendem: conversando com os pais sobre como lidar com a Dislexia e outros Transtornos Específicos de Aprendizagem**. 2015.

JARDINI, R. S. R. **Método das Boquinhas: alfabetização e reabilitação dos distúrbios da leitura e da escrita**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2003.

KATO, Mary A. **No mundo da escrita: uma perspectiva psicolinguística**. São Paulo: Ática, 1986.

MARADEI, Ana; MAIA, Giselle; SEABRA, Magno. Dislexia: das dificuldades ao desenvolvimento de potencialidades. In: SEABRA, Magno. **Distúrbios e transtornos de aprendizagem: aspectos teóricos, metodológicos e educacionais**. 1.ed. – Curitiba, PR: Bagai, 2020. p.49 – p.57.

NEVES, Maria. **Que gramática estudar na escola?** 4.ed. – São Paulo: Contexto, 2011.

OLIVEIRA, Patricia; ZUTIÃO, Patricia; MAHL, Eliane. Transtornos, distúrbios e dificuldades de aprendizagem: como atender na sala de aula comum. In: SEABRA, Magno. **Distúrbios e transtornos de aprendizagem: aspectos teóricos, metodológicos e educacionais**. 1.ed. – Curitiba, PR: Bagai, 2020. p.8 – p.19.

SARTORI, Adriane. **Ensino de gramática na escola: sugestões aos professores**. São Carlos: Pedro & João Editores, 2020.

SILVA, W. R. **Estudo da Gramática no Texto**: demandas para o ensino e a formação do professor de língua materna. Maringá: Eduem, 2011.

TRAVAGLIA, L. C. **Gramática Ensino Plural**. São Paulo: Cortez Editora, 2007.